

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES NA AMAZÔNIA: BREVE COMENTÁRIO HISTÓRICO DE
ORELLANA A PEDRO TEIXEIRA

Jorge Manoel (1)

RESUMO: Neste breve comentário relatamos acerca das primeiras explorações registradas no vale do Amazonas. Iniciamos com a chegada de Pizzaro na costa do Peru em 1539 e a aventura de Orellana na primeira penetração do homem civilizado no interior da Amazônia. Durante a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII, consolidou-se na Amazônia o regime das grandes expedições exploradoras e a tentativa de ampliação dos limites territoriais cobiçados por espanhóis e portugueses. Dentre essas expedições destacamos a de Pedro Teixeira.

ABSTRACT: In this brief commentary we tell about the first recorded explorations in the Amazon valley, we start with the arrival of Pizzaro off the coast of Peru in 1539, the adventure of Orellana in the first penetration by civilized man in to the interior of Amazonia. During the second half of the XVI century and the first half of the XVII century, was consolidated the era of rapid exploration and tentative expansion of territorial limits coveted by the spanish and portuguese. Amongst these expediciones we highlight that of Pedro Teixeira.

1 Chefe do Núcleo de Estudos Regionais do MIRR.

Portugueses e espanhóis fizeram do século XVI essencialmente um período de conquistas e penetrações na Amazônia jamais imagináveis para uma Europa ainda medieval.

Dentre os incontáveis aventureiros e exploradores das riquezas do Novo Mundo encontrava-se Francisco Pizarro. Pizarro organizou uma expedição em 1539 e chegou primeiramente no litoral do Peru onde pretendia distribuir partidas expediç^onárias no sentido de conhecer a riqueza existente na região e dela se apoderar. Parece-nos, entretanto, que essas expedições não eram rigorosamente organizadas, o caráter um tanto mercenário dos participantes dessas incursões, sujeitos a todos os riscos, estabelecia certa frouxidão ou pouco controle entre organizadores e servis. Pizarro acompanhado dos irmãos Gonçalo e Fernando passaram a buscar o famoso El Dorado, tão cobiçado pelos europeus da época. No primeiro momento as vítimas dessas pilhagens e massacres foram os Incas, habitantes dessas áreas vivendo hierarquicamente num império organizado que durou aproximadamente de 1400 a 1532. O Império Inca não resistiu ante o tratamento selvagem e etnocida perpetrado pelos espanhóis que os tinham como guardadores de tesouros.

Desse primeiro grupo de invasores da costa do Peru fez parte Francisco de Orellana, designado para incursar no interior das terras incaicas. Orellana certamente mais que simples comandado era aventureiro por natureza, não sujeitar-se-ia simplesmente a cumprir ordens. De posse de 100.000 libras de ouro e um pequeno contingente deu outra sorte ao que lhe fora proposto como objetivo. Orellana cruzou os andes e distanciando-se sempre para leste, talvez até mesmo fugindo de Pizarro, conforme revelações de seus companheiros, chegou ao Napo e dirigiu-se para o vale do Amazonas.

A chegada de Orellana no vale do Amazonas registra o primeiro sopro de homens não autóctones nessa região, em 1540. A consciência desse pequeno grupo de aventureiros ao imaginar estar no centro de um grande mundo equatorial supostamente nunca antes atingido pelo homem civilizado, para seus padrões culturais estandardizados, gerou profunda temeridade ao pequeno grupo reduzindo-o a um contingente menor ainda, quando os mais temerosos foram abandonados e destituídos de seus pertences, armas e provisões. As margens do grande rio os homens

abandonados por Orellana ficaram a mercê dos nativos. Dentre aqueles estão Gaspar Carvajal - escreveu o "Diário del viaje de Orellana" - e Hermano Sanches de Vargas (Sant'Anna Nery, "Le Pays des Amazones", 6). Após resistir a sucessivos assédios e intempéries, a euforia de Orellana o levou a atribuir o seu próprio nome ao grande rio. Ao navegar nas proximidades do foz do rio Nhamundã a pequena expedição foi atacada por índios, presumidamente grupos compostos por mulheres guerreiras. Lembrando-se das lendárias guerreiras da Capadócia, Orellana revogou o nome que dera anteriormente ao rio e o chamou de Amazonas.

Orellana teria alcançado a foz do Amazonas no dia 11 de maio de 1540. Historicamente esse acontecimento assinala a primeira conquista sobre o rio Amazonas no sentido oeste-leste, ainda que realizada em frágeis embarcações e condições precárias. Após alguns meses necessários à concepção de rudes embarcações Orellana partiu a 26 de agosto de 1541 para a Espanha.

A Corte de Castela recepcionou Orellana como herói. A fidelidade e o cumprimento aos propósitos devidos pelo conquistador a Pizzaro foram esquecidos e não foram encarados como traição. O regresso de Orellana à foz do Amazonas, depois de uma série de contratempores e dificuldades à organização dessa expedição, deu-se a partir de três frágeis embarcações. Em decorrência da fadiga da viagem e a tentativa de encontrar o verdadeiro canal do Amazonas, por onde houvera navegado antes, Orellana morre. Depois de todo o fracasso registrado nessa expedição, apenas alguns membros da tripulação conseguem voltar para a Espanha (J. Lucio de Azevedo, "Os Jesuítas no Grão-Pará, 12).

Deste modo parece ter menos importância - principalmente no aspecto da conquista - que em 1500 Vicente Ianes Pinzon tenha visitado a desembocadura do Amazonas, conforme relatou em Granada o espetáculo das marés, ou a presença de Diogo Lepe que não conseguiu ancorar. O verdadeiro descobridor do Amazonas foi Orellana mesmo que se acrescente ao fato a condição de explorador ou de fugitivo de Pizzaro na grande pilhagem sobre o Império Inca. A seguir outros exploradores se lançaram no vale do Amazonas, uns vindos do Peru, outros de Nova Granada.

Dando continuidade a saga das explorações no vale do Amazonas, em 1531 foi a vez de Diogo Ordaz, Gonçalo Gimenez Quesada, em 1560.

Ainda no início da segunda metade do século XVI a mais dispendiosa e desastrada das expedições foi dirigida por Pedro de Ursua, governador da província do Dorado. Os preparativos para essa viagem duraram mais de um ano e meio, envolvendo trezentos homens armados, mais de mil e quinhentos cavalos, dois mil índios, onze navios, dois bargatins e nove barcos, tudo com o aval do Vice-Rei dos Reinos do Peru, o Marquês de Cañete. A expedição foi destroçada após ter sido assassinado Pedro de Ursua. O mesmo fim foi reservado a alguns fidalgos que acompanhavam Ursua, oriundos de Castela. Pedro Aguirre foi o autor do grande motim, provocado pela ambição do poder supremo e o governo da expedição ao se aproximar da capital El Dorado, Manoa. Os ânimos mais exaltados eram contidos pela esperança de desembarcar na terra mais rica do mundo. Por fim, frustrados por não alcançarem seus objetivos, os expedicionários comandados pela tirania de Aguirre desceram o Amazonas até sua foz e rumaram à vela para as Antilhas, sem jamais atingirem seus objetivos que eram as riquezas da lendária Manoa.

Os interesses da Espanha sobre o Amazonas propunham sempre novas e ambiciosas incursões à região recém-descoberta. O século XVII representou historicamente o período das expedições mais duradouras e de reconhecimento da parte setentrional da Amazônia. Partindo do Governo do Maranhão, sob ordens da Espanha em 1615, Francisco Caldeira Castello Branco explorou toda uma extensão de 1200 léguas no rio Amazonas guiado pelo primeiro mapa elaborado sobre esse percurso. Sobretudo, esta expedição preocupou-se em fazer um reconhecimento, através de anotações, da fauna exuberante disposta às margens do rio, particularmente o exotismo das grandes árvores à vista dos europeus (Anais da Biblioteca do Pará, Vol. I, 7).

Em 1634 uma outra ordem régia atribuiu a incumbência de explorar o Amazonas a Francisco Coelho de Carvalho. O Governador não tendo a quem mandar executar a ordem viu-se obrigado a fazê-lo, entretanto, sucessivas e constantes tentativas de tomada ou ocupação do delta na região da foz do Amazonas por holandeses impossibilitou a realização desse intento. As terras próximas ao delta foram conquistadas efetivamente pelos portugueses somente em 1536.

A intenção da Espanha em ampliar para oriente seus domínios

através do vale do Amazonas, manifestada nas ações catequistas dos franciscanos em Quito, permitiu que alguns frades se aventurassem numa travessia de oeste para leste a partir de Quito. Porém, incidentes verificados no percurso obrigaram os frades a desistirem de seus propósitos, após perderem alguns dos seus, assassinados por silvícolas. Os missionários Domingos de Brieda, André de Toledo e seis soldados que os acompanhavam navegaram o Amazonas a partir de 17 de outubro de 1636 a 5 de fevereiro de 1637, quando chegaram ao Pará (Relacion del primer descubrimiento del rio de las Amazonas, por Frei Diogo de Cordoba, impresso em Madrid: 1641).

A próxima expedição a ser organizada terá como comandante um homem de considerados atributos. Honesto, audacioso, enérgico, vitorioso sobre os holandeses, além de ser o homem que daria nome ao principal afluente do rio Negro pela margem esquerda, o rio Branco. Por ordens do governador do Maranhão, Jácome Raymundo de Noronha, Pedro Teixeira recebeu a incumbência de comandar a expedição que levava como orientador de rota Brieda. Planejava-se vencer a correnteza do Amazonas em toda sua extensão pela primeira vez. Cametá foi o lugar escolhido para organizar e providenciar os preparativos necessários à empreitada. Esta expedição diferentemente das outras, reuniu gente preparada para o cumprimento da missão. Diversos oficiais portugueses faziam parte da tripulação, inclusive oficiais de patente superior à de Teixeira que era Capitão. O prior do convento de Santo Antônio do Grão-Pará, Frei Agostinho das Chagas era capelão da expedição. Gurupá serviu de ponto de partida para a expedição em 17 de outubro de 1637. Compunham a expedição, além dos já citados: 1200 índios, mais de 60 portugueses, e quatro dos seis soldados que desceram o rio com Brieda. Parece que o cumprimento dos planos de Teixeira deu certo desde o início. Após ter cruzado de oriente para o ocidente a corrente do Amazonas a partir do Pará, Teixeira navegou até Quijos (província dos encabelados) em 24 de junho de 1638, deixando no lugar Pedro da Costa Favella. Pedro Teixeira e o restante da Comitiva dirigiram-se a Quito, onde são recebidos festivamente. Não obstante, Pedro Teixeira logo fora convocado a regressar ao Pará, por ordens dirigidas a D. Francisco de Saavedra, presidente daquela cidade do Equador, subordinada ao Vice-reino do Peru, alegando-se a necessidade que tinham os portugueses em manter à frente dos combates contra os holandeses, o habilidoso

capitão.

Essas foram as principais expedições lançadas através do vale do Amazonas durante o primeiro século de explorações. Presume-se a partir de relatos históricos conhecidos, que Pedro Teixeira tenha sido o mais bem sucedido dos exploradores à frente de expedições organizadas pelos Governos da época. Pouco reconhecido quer pela literatura corrente, quer pela exaltação dada a outros exploradores do seu tempo, Teixeira representou para Portugal o conhecimento e o domínio das terras setentrionais da Colônia.

As expedições que sucederam às da primeira metade do século XVII são consideradas como secundárias pelos anais das comissões que as realizaram.